

O MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO E SUAS PARTICULARIDADES NA SOCIEDADE BRASILEIRA

**Andreza Maria Sá Coelho¹
Sansarah da Silva Gomes²**

RESUMO

Neste trabalho busca-se refletir sobre os desdobramentos da participação da mulher negra no movimento feminista e suas articulações no interior deste movimento a partir da compreensão de suas particularidades. A constituição do feminismo negro foi possível quando as mulheres negras perceberam que suas especificidades não estavam presentes na luta cotidiana do movimento feminista.

Palavras-chave: Movimento Feminista. Movimento Feminista Negro. Particularidades.

ABSTRACT

In this article it try to reflect on the consequences of the black woman's participation in the feminist movement and their articulation inside this movement from the understanding of their specificities. The constitution of black feminism was possible when black women realized that their specificities were not present in the daily struggle of the feminist movement.

Keywords: Feminist movement. Black feminist movement, Specificities.

¹ Estudante. Faculdade Atenas Maranhense (FAMA). E-mail: andrezamaria.ssocial@gmail.com

² Estudante. Faculdade Atenas Maranhense (FAMA).



1. INTRODUÇÃO

Neste breve artigo não pretendemos revistar a larga documentação existente sobre o movimento feminista, nosso objetivo é bem modesto, é propor uma reflexão sobre a organização e lutas das mulheres negras no interior do movimento feminista e a percepção de suas especificidades, surgindo a partir de então, a necessidade de compreensão das particularidades das mulheres negras, onde por muito tempo foi tratada de forma universalizada pelo movimento feminista.

Apesar de refletirmos sobre as particularidades do movimento feminista negro, não podemos deixar de destacar a atuação do movimento feminista, pois ele forneceu experiência e base teórica para as mulheres negras, onde, a partir da participação de reuniões e encontros no movimento feminista puderam refletir, articular e reivindicar suas demandas e questões específicas. Não esquecendo também que no interior de tal movimento foi construindo lutas da qual as mulheres negras não se sentiam contempladas, sentiam-se distantes de sua realidade.

Depois do seu surgimento no século XIX, o feminismo passou por um pequeno momento de desmobilização e ressurgiu no contexto dos movimentos sociais na década de 1960 afirmando-se em espaço de discussão em âmbito político. Neste contexto também surge reflexões mais profundas sobre o posicionamento social das mulheres, onde estas ocupam lugares sociais subordinados em relação ao homem, e então aprofunda-se debates e estudos sobre este papel construído e imposto para a mulher em nossa sociedade. Essa discussão tem ampliado consideravelmente no decorrer das décadas na luta pela desconstrução dessa base social de dominação masculina, afirmada historicamente em nossa sociedade. No entanto percebemos em nosso estudo as múltiplas discriminações enfrentadas pelas mulheres negras, nesse sentido Pinto (2007) destaca:

A condição social das mulheres negras, por não ter despertado grande interesse nas feministas, que por muito tempo ficaram restritas ao debate sobre a relação homem-mulher, passou a ser estudada principalmente por feministas negras. Estas mulheres vêm demonstrando que o enfoque exclusivo às questões de gênero apresentado como fonte de opressão de mulheres não faz a conexão entre o sexismo e outras formas de dominação existente na sociedade. Este olhar exclusivo, aliás, apaga outros aspectos das identidades das mulheres e suas experiências (inclusive raça) sexualidade e classe. (PINTO, 2007, p.31).

Assim, nosso interesse é que possamos refletir sobre as construções culturais e histórica da dominação e discriminação sofrida pela mulher negra na sociedade brasileira, como também reconhecer sua organização e luta para a compreensão do que é ser mulher e ser negra na sociedade brasileira.



2. MOVIMENTO FEMINISTA

Feminismo é um movimento social e político que luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, buscando dessa forma a libertação de padrões patriarcais estabelecidos em nossa sociedade. O movimento feminista contribuiu nas organizações de lutas pautadas na emancipação da mulher, questionando sua condição subordinada, hierarquização dos sexos, discursos e práticas em torno da mulher, enfim, a luta pela conquista da cidadania plena.

O feminismo tem sua origem no século XIX, período em que os povos adotaram cada vez mais a percepção que as mulheres são oprimidas numa sociedade centrada no homem, por seu meio ligado do patriarcado. As primeiras manifestações desafiaram ao mesmo tempo a ordem conservadora que excluía a mulher do mundo público e também, propostas mais radicais que iam além da igualdade política, mas que abrangiam a emancipação feminina, pautando-se na relação de dominação masculina sobre a feminina em todos os aspectos da vida da mulher. (ALVES, p15, 1991 apud MOURA 2013).

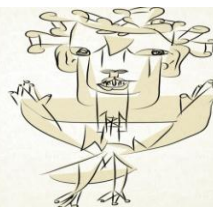
Na passagem do século XIX para o século XX o feminismo foi sendo constituído em diversos lugares no mundo ocidental. Porém destacamos aqui as décadas de 1960 e 1970 onde os Estados Unidos e a Europa apresentavam um cenário de grande efervescência política, da qual formou-se um momento oportuno para os movimentos sociais e a concretização do feminismo na época, neste momento também a obra de Simone de Beauvoir, *O Segundo sexo*, estava sendo discutido, tal obra foi importante para o estudo e desenvolvimento do feminismo.

Já no Brasil em meio ao clima da ditadura militar, o movimento feminista foi ganhando espaço mesmo que em meio a repressão e censura do momento, “o regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas”. (PINTO, 2010, p.17). No entanto consideramos relevante ressaltarmos:

O feminismo no Brasil não foi uma importação que pairou acima das contradições e lutas que constituem as terras brasileiras, foi um movimento que desde suas primeiras manifestações encontrou um campo de luta particular. (PINTO, 2003, p. 10)

Um aspecto particular do movimento feminista brasileiro é que ao se organizarem para a luta pela emancipação das mulheres também tiveram que enfrentar as desigualdades sociais dentro do movimento, nesse sentido Pinto(2003) considera:

O movimento feminista, em países como o Brasil, não pode escapar dessa dupla face do problema: por um lado, se organiza a partir do reconhecimento de que ser mulher, tanto no espaço público como no privado, acarreta consequências definitivas para a vida e que, portanto, há uma luta específica, a da transformação das relações de gênero. Por outro lado, há uma consciência muito clara por parte dos grupos organizados de



que existe no Brasil uma grande questão: a fome, a miséria, enfim, a desigualdade social, e que este não é um problema que pode ficar fora de qualquer luta específica. Principalmente na luta de mulheres e dos negros a questão da desigualdade social é central. (PINTO, 2003, p.45).

Nesse contexto podemos entender que o movimento feminista brasileiro compreende a condição de ser mulher em nossa sociedade, surgindo como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher na vida política e econômica da sociedade, que luta por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, onde as mesmas tenham liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo, como também, a existência dos diferentes problemas que uma grande parcela da sociedade brasileira enfrenta.

Com as mudanças ocorridas no Brasil na década de 80, fim do regime militar, promulgação da Constituição Federal, o país entrou em um grande processo de transformações, assim como o movimento feminista brasileiro.

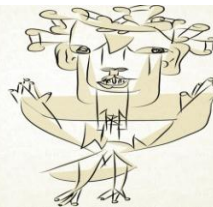
[...]o feminismo no Brasil entra em fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo[...] (PINTO,2010, p.17)

Enquanto tais desigualdades permanecerem é inegável a importância da crítica feminista sobre estes aspectos, para assim, concretizar avanços para uma desconstrução dos padrões patriarcais e machistas estabelecidos na sociedade.

A luta das mulheres ganhou várias articulações, como nos afirma (CARNEIRO, 2010) em geral, a unidade da luta das mulheres em nossa sociedade não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. A autora destaca que o racismo é uma das formas de preconceito mais forte no Brasil, uma das mais graves, sobretudo, provoca maior dano para todos os envolvidos. Tal prática rebaixa a humanidade de todos, de quem pratica e de quem é vítima, como também produz uma falsa consciência de superioridade em relação a outros seres humanos.

A sociedade brasileira sempre preferiu fazer de conta que nós não tínhamos esses problemas. Isso só os agrava na medida em que cria um caldo de cultura de impunidade em relação às práticas criminosas de racismo, violência contra a mulher e etc. (CARNEIRO, 2011).

Desta forma, com a politização das desigualdades de gênero e de raça, as mulheres, em particular as negras, tomam consciência dos novos sujeitos políticos no interior do movimento feminista, como nos aponta SOARES (1995) as mulheres dos



movimentos pertencem a grupos e classes sociais muitos diversos, a raças e etnias diferentes, com sexualidade e trajetória políticas distintas.

Nas articulações do movimento feminista é importante ressaltar que os encontros nacionais feministas foi um relevante espaço para as articulações das mulheres negras, a partir destes momentos, conseguiram uma organização mais efetiva, propiciando assim uma melhor articulação das categorias classe, gênero e raça para uma compreensão mais concreta da exclusão das mulheres.

3. MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO E SUAS PARTICULARIDADES

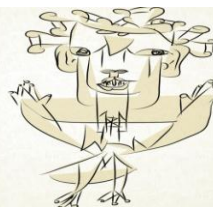
Com a participação e articulação da mulheres negras em encontros e seminários ocorre uma transformação no feminismo, onde as mulheres negras percebem suas particularidades e demandas, e, assim as direciona para o interior do movimento feminista. “Os eventos nacionais e internacionais das décadas de 1980 e 1990 funcionaram como arenas políticas importantes para as feministas negras, que ao incorporarem as variáveis raça e classe, entrelaçadas à de gênero, objetivaram expor as desigualdades sociais pelas quais passavam.” (Damasco, 2009, pág. 47)

Podemos destacar um importante momento dentro do movimento feminista. Em 1985, Sueli Carneiro e Thereza Santos publicaram um diagnóstico a cerca da situação da mulher brasileira em variados contextos sociais para avaliar e divulgar os progressos alcançados pelo governo brasileiro na década da Mulher 1975-1985. Tal publicação revelam dados sócio econômicos sobre a realidade da população negra em especial da Mulher Negra. (Damasco 2009, apud, Ribeiro 1995)

As autoras destacaram a relevância da organização e da luta do Movimento Feminista sobre as opressões que atingiam as mulheres brasileiras. Todavia ressaltaram a importância de perceberem as particularidades da mulher negra para que assim pudessem firmar consistentes ações entre as ativistas, nesse sentido, observamos a importância do papel das mulheres negras inseridas no movimento feminista, pois a partir dessa inserção criaram e consolidaram novas estratégias de luta que atendessem seus referenciais, gerando assim, grandes mudanças na trajetória do movimento.

De acordo com Damasceno (2009) durante as décadas de 80 e 90 o movimento feminista elencou uma multiplicidade étnica, cultural e de classe. Tal processo desencadeou em vários grupos de mulheres;

Como vimos, entre as décadas de 1980 e 1990, emergiu no interior do movimento feminista brasileiro uma pluralidade étnica, cultural e de classe. Esse processo resultou na fragmentação do movimento em vários grupos de mulheres particulares. Em relação às mulheres negras, como abordado



neste capítulo, a principal crítica centrava-se na falta de percepção, por parte do movimento feminista, da temática racial e sua importância para a identidade das mulheres negras atuantes no interior do feminismo. Esse fato foi crucial para que as ativistas negras brasileiras se mobilizassem e fundassem um movimento próprio, denominado por elas mesmas de “feminismo negro”. (Damasceno, 2009, pág. 53)

Diante das diferentes expressões e pluralidades étnico-raciais existentes em nossa sociedade, as mulheres negras não se sentiam totalmente contempladas com as lutas do movimento, visto que as mulheres negras possuem referenciais que não podem ser consideradas universais e sim específicas a esta categoria, como afirma Carneiro;

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em *solidariedade racial intragênero* conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. (CARNEIRO, 2003, p.10).

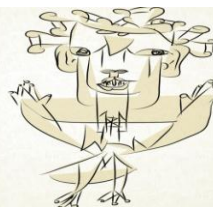
A mulher negra se insere na sociedade sofrendo o peso da dupla discriminação, raça e gênero. Nesse contexto é importante ressaltar que a opressão vivenciada pela mulher negra não é mais importante que a da mulher branca, porém é necessária a compreensão de que a mulher negra experimenta um conjunto de desvantagens sociais que resultam em uma posição social inferior à da mulher branca.

Para CARNEIRO (2011) o racismo, por exemplo, reflete em várias dimensões da sociedade, como por exemplo, no mercado de trabalho, no âmbito escolar e no modo como os negros e negras são tratados pelos aparatos repressivos do Estado. Há uma cultura enraizada que criminaliza o negro em todas as dimensões sociais, ele está sempre sujeito a sofrer uma violência física, psicológica ou moral por causa da sua cor.

Por esse motivo as mulheres negras perceberam que, mesmo estando nas lutas sociais havia uma ausência de percepção de gênero nas discussões, reflexões e proposições de superação do racismo, bem como uma ausência de raça na luta pela igualdade de gênero. (GOMES, 2008, nº de serie 160).

Em 1988 foi realizado o I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN) em Valença – Rio de Janeiro, onde estiveram presentes 450 mulheres negras de 17 Estados do País, tal encontro foi considerado um importante marco na trajetória de luta das ativistas negras, proporcionou um impulso na construção de sua organização com referência própria e uma articulação nacional. O evento possibilitou debates, embates e reflexões que deixaram em evidência os seus objetivos:

“(…) Gostaríamos de deixar claro que não é nossa intenção provocar um racha nos movimentos sociais como alguns elementos acusam. Nosso objetivo é que nos mulheres negras comecemos a criar nossos próprios referenciais deixando de olhar o mundo pela ótica do homem tanto do negro quanto o branco ou pela da mulher branca. O sentido da expressão criar



nossos próprios referenciais e que queremos estar lado a lado com as (os) companheiras (os) na luta pela transformação social quer nos tornar portavozes de nossas próprias ideias e necessidades, enfim queremos uma posição de igualdade nessa luta” (ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES 1 boletim informativo Rio de Janeiro de 1988 apud Ribeiro, 1995).

Assim o movimento foi se organizando e ganhando espaços na sociedade, pois os seus questionamentos e reivindicações era por respeito e dignidade ao tratamento com as mulheres negras.

Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. “Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados.” (Carneiro, 2003, p.01).

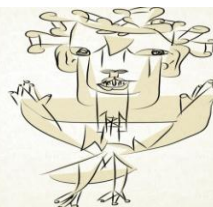
Lícia Maria de Lima Barbosa (2010) aponta que as críticas feitas pelas feministas negras brasileiras ao feminismo branco gerou uma relação tensa e árida durante algum tempo, embora, contemporaneamente tem surgido novas perspectivas, possibilidade de diálogos, parcerias e mesmo ações conjuntas.

Percebemos o quanto foi importante a mobilização e organização das mulheres negras diante da inquietude por falta de representação de suas especificidades no interior do movimento feminista, emergindo assim a necessidade de um movimento firmadona compreensão dos processos de opressão em tornoda mulher negra, da qual reflete um novo cenário de luta e organização para uma perspectiva e afirmação do feminismo negro, do qual percebe a essência do ser mulher e negra.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início do movimento feminista foi marcado pela afirmação de uma identidade representativa a todas as mulheres, fez-se necessário trazer para o centro da reflexão, que existem “várias” mulheres contidas nesse “ser mulher” e romper com essa falsa ideia de universalidade, compreendendo as diferenças e variáveis de identidades existentes. Joana Pedro ressalta que “todo este debate fez ver que não havia a ‘mulher’, mas sim as mais diversas ‘mulheres’, e que aquilo que formava a pauta de reivindicações de umas, não necessariamente formaria a pauta de outras” (PEDRO, 2005, p. 80).

A partir dessa organização das mulheres negras foi possível considerar um avanço nas articulações e diálogos no interior do movimento feminista, verificando o reconhecimento em cessar com a invisibilidade negra, e conscientizando a respeito das diferenças femininas. A militância negra foi ganhando corpo, rompendo com a não



representação e fazendo história, grandes ativistas como Thereza Santos e Sueli Carneiro engajadas na luta feminista e anti-racista se dedicaram a produção de conteúdo que fomentava discussões desconsideradas pelas mulheres brancas.

Mesmo com muitas resistências, conflitos e embates travados no interior do movimento feminista, é possível dizer que a organização política das militantes negras fez valer o objetivo das reivindicações em adquirirem afirmação de suas pautas, trazendo para o âmbito político as demandas e contradições em torno da mulher negra, que carrega consigo a carga de uma dupla opressão. Dessa forma, discutir o peso da questão racial na configuração dessa sociedade desigual tornou o movimento feminista mais representativo quanto ao conjunto de mulheres brasileiras.

“É possível afirmar que um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades.” (Carneiro, pg 02)

Para o desenvolvimento deste artigo, buscou-se compreender como se deu o processo de organização das mulheres negras e as bases de construção do feminismo negro, se inscrevendo sobre uma pluralidade de perspectivas, ratificando como essa luta se estabelece em uma sociedade herdeira de práticas racistas e machistas que contribui para uma estrutura historicamente desigual. Muitos são os desafios e possibilidades, torna se importante traçar caminhos que firmem à utopia de uma sociedade alicerçada na igualdade de tratamento e oportunidades, onde sejam respeitadas todas as nossas diferenças e semelhanças.

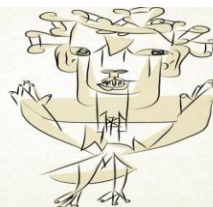
5. REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Estudos Avançados. Mulheres em movimento**. São Paulo. Sept/Dec, vol. 17, nº 49, nº 03, 15 de novembro de 2003.

_____. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

_____. **Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Disponível em:

<<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>> Acesso em: 27 jan. 2015.



DAMASCO, Mariana. **Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva o Brasil** (1975-1996). Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2009.

GOMES, N. L. **Mulheres Negras em movimento: fazendo a diferença entre diferentes.** Congresso Português de Sociologia VI. Lisboa, 25 a 28 de junho de 2008.

MOURA, Mayra de Paula Bispo, RODRIGUES, Sara Veloso, GODINHO, Victoria Pinho e. **Mulheres Negras no Brasil: trajetória de luta no movimento negro e no movimento feminista.** Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades II. Belo Horizonte, de 8 a 11 de outubro de 2013.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política.** 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.** Revista História, São Paulo, V. 24 n° 1, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder.** 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01044782010000200003&lang=pt

_____. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Giselle. **Gênero, raça e pós-graduação: um estudo sobre a presença de mulheres negras nos curso de mestrado da Universidade Federal Fluminense.** Niterói: 2007. 31p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

RIBEIRO, Matilde. **A presença das mulheres negras na luta anti-racista e feminista. Que cara tem a mulher brasileira?** Seminário Gênero, Classe e raça. Instituto Cajamar, p.42-56, 1994.

_____. **Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing.** Revista Estudos Feministas. v. 3, n. 2. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, p.446-459, 1995.

VII Jornada Internacional Políticas Públicas

25-28 agosto 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS
Cidade Universitária da UFMA
São Luis/Maranhão - Brasil



**PARA ALÉM
DA CRISE
GLOBAL:
EXPERIÊNCIAS E
ANTECIPAÇÕES
CONCRETAS**

